

# Abertura das fronteiras da Turquia aos refugiados: um ato humanitário ou “uma forma de chantagem”?

**E** [expresso.pt/internacional/2020-02-29-Abertura-das-fronteiras-da-Turquia-aos-refugiados-um-ato-](https://expresso.pt/internacional/2020-02-29-Abertura-das-fronteiras-da-Turquia-aos-refugiados-um-ato-)



A decisão de abrir as fronteiras da Turquia para permitir a passagem de refugiados em direção à União Europeia não está confirmada oficialmente mas há imagens e relatos de centenas de pessoas, incluindo mulheres e crianças, a deslocarem-se em direção à fronteira turca com a Grécia e a Bulgária. Em Istambul, aliás, a comunidade síria começou a organizar o transporte de refugiados para a zona da fronteira. De acordo com o britânico “The Guardian”, dezenas de pessoas aguardam a saída numa praça naquela cidade e, noutra cidade turca, Edirne, há quem tenha a mesma expectativa. A televisão turca noticiou a saída de refugiados em pequenos barcos da cidade costeira de Ayvacık, na província de Çanakkale, tendo como destino a ilha de Lesbos, na Grécia, e a deslocação de outras pessoas em direção à fronteira com a Bulgária, onde, apesar disso, não terão sido autorizadas a entrar.

O bulício instalou-se depois de membros do Governo turco terem afirmado que a Turquia vai deixar de travar o fluxo de refugiados para Europa. Anunciou-o, de forma confidencial, um alto dirigente à Reuters — detalhando que tanto a polícia turca como a guarda costeira e as forças de segurança na fronteira receberam instruções para deixar de controlar a circulação de refugiados e acrescentando “que todos eles estão agora convidados a deslocar-se para os países da União Europeia” — e disse-o também um porta-voz do partido no poder, clarificando que, “apesar de a Turquia não ter alterado a

sua política de refugiados, não tem mais capacidade para os acolher”. E isso até pode ser verdade — vivem mais de três milhões e meio de refugiados sírios no país (em cada mil pessoas, 45 são refugiadas, segundo dados do ACNUR) e há outros 900 mil fugidos do conflito na Síria a querer entrar — mas há que considerar outras razões, assim diz ao Expresso Carlos Nolasco, investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e especialistas em migrações (integra o Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz daquele centro de investigação)

## Ameaça de abertura de fronteira é “forma de chantagem”

“Esta abertura das fronteiras ou ameaça de abertura não é uma novidade. Já antes a Turquia o fez”, começa por dizer o especialista, que vê nisto uma “forma de chantagem para com a UE”. “Em 2015, com a chegada massiva de refugiados à Europa, o governo de Ancara começou por fechar os olhos à passagem de refugiados e depois apoiou-se nisso para chantagear a UE”. O acordo foi feito mas já esteve para ser desfeito várias vezes (nove no total, para sermos mais concretos). “A UE censura o governo turco pelas suas atitudes autoritárias e pela sua posição contra os curdos e outras razões. Quando sobe o tom desta censura, a Turquia sente que tem de marcar uma posição e recorre a várias formas de chantagem, que incluem estas ameaças em relação à abertura de fronteiras, apesar da quantidade absurda de dinheiro que recebeu da UE para as controlar.” Algo em que a União Europeia “também tem obviamente responsabilidades, por ter vendido o problema à Turquia, encolhendo-se sobre si mesma como se de um condomínio fechado se tratasse”.

□

OMAR HAJ KADOUR/GETTY IMAGES

Há também “razões humanitárias” a ponderar, diz o investigador, referindo-se precisamente aos deslocados sírios (80% dos quais mulheres e crianças, segundo números das Nações Unidas), que se encontram junto à fronteira com a Turquia, instalados em tendas ou em abrigos de cimento. Fugiram da província de Idlib, no noroeste do país, que tem sido bombardeada pelo regime sírio, apoiado pela aviação russa, numa tentativa de dizimar opositores e terroristas, e reconquistar o país. “Ainda que essa fronteira esteja fechada, há a possibilidade de entrarem mais refugiados no país, não havendo capacidade e condições para os receber e acolher de uma forma digna”. Daí que possa haver aqui também um pedido de ajuda, conforme salientou ao “New York Times” Aaron Stein, especialista turco no Foreign Policy Research Institute. “O que Erdogan [presidente turco] está a tentar dizer é que o que acontece em Idlib não fica em Idlib. É como se dissesse: ‘Vocês, europeus, andaram despreocupados e tranquilos até agora, mas a situação é cada vez mais grave e o nosso problema é também o vosso problema.”

E quais as consequências da entrada de mais refugiados na UE? “Se isso se verificar, certamente teremos uma repetição do que aconteceu em 2015, com uma reação de pânico e medo generalizados em relação aos refugiados”, diz Carlos Nolasco. “Haverá um acentuar da crise humanitária e uma nova crise institucional, ao nível dos países e à

escala das instituições europeias, que não se prepararam, nos últimos anos, para um novo fluxo de refugiados e não saberão lidar, de novo, com a situação.” E “discurso de ódio e populismo de extrema-direita” também são consequências previsíveis, diz.

## UE falou com Governo turco e “acordo mantém-se em vigor”

---

Dizíamos que a decisão de abrir as fronteiras para permitir a passagem de refugiados em direção à UE não teve confirmação oficial e para isso mesmo chamou a atenção esta sexta-feira o porta-voz da diplomacia europeia, em conferência de imprensa. “Não foram anunciadas oficialmente quaisquer alterações nesse sentido e o acordo entre a Turquia e União Europeia mantém-se”, afirmou Peter Stano. “Esperamos que a Turquia cumpra com os seus compromissos”, disse ainda, dando conta, num comentário adicional ao Expresso, de uma conversa por telefone tida esta sexta-feira entre Alto Representante da UE para a Política Externa, Josep Borrell, e o ministro dos Negócios Estrangeiros turco, Mevlut Cavusoglu, em que este terá garantido que o acordo está em vigor.

Questionado, na conferência de imprensa, sobre as imagens e informações que circulam sobre a deslocação de sírios na Turquia em direção às fronteiras com a UE, Peter Stano não deu isso como verdadeiro, sublinhando apenas que a “União Europeia está em contacto com todos os Estados-membros e com as agências responsáveis para perceber o que está, de facto, a acontecer, e se há movimentações significativas”. Também se mostrou preocupado com a situação em Idlib e alertou para o risco de “um confronto militar internacional” na província síria. “Temos apelado a todas as partes envolvidas para cessar as hostilidades por causa da destruição a que se assiste no país mas sobretudo devido ao sofrimento indescritível da população”. Na quinta-feira, 33 soldados turcos morreram num ataque aéreo sírio em Idlib — a suposta abertura das fronteiras foi anunciada, aliás, na sequência disso.

A entrada de ajuda humanitária no país tem sido dificultada pelos bombardeamentos constantes mas também por outras razões. Num comunicado a que o Expresso teve acesso, a organização não-governamental Médicos Sem Fronteiras apelou às autoridades turcas para que “facilitem o transporte de equipamentos e profissionais” seus para o noroeste da Síria. Também anunciou mais ajuda e apoio médico aos deslocados sírios, “muitos dos quais foram forçados a deslocar-se já várias vezes em busca de refúgio e enfrentam uma situação de desespero”, lê-se no comunicado, em que se acrescenta: “As necessidades são enormes e urgentes: tendas, cobertores... E nos campos de deslocados internos as estruturas de água potável e de saneamento são largamente inadequadas”.